

O livro vermelho do 'presidente' Alegre

Uma entrevista de vida que tem como pontos de referência as memórias colecionadas no livro que acaba de lançar, *O Miúdo Que Pregava Pregos Numa Tábua*. Desde a mais antiga – que dá o título ao livro –, passando por um encontro surreal com Cohn Bendit dias antes dos acontecimentos de Maio de 1968 em Paris, até à emoção impossível de conter junto à campa de um soldado numa visita recente a Nambuangongo. E uma certeza em tom de desafio: “Sou, dos candidatos às presidenciais, o único que entrou em combate.”

TEXTO JOÃO CÉU E SILVA FOTOGRAFIA GERARDO SANTOS/GLOBAL IMAGENS



Aos 11 anos, com o pai, José de Faria e Melo Ferreira Duarte, e a irmã, Teresa, em Lisboa (à esquerda); aos 12 anos, com a irmã (em cima); e aos dois anos, no Porto (à direita).



«Este livro começa pela memória mais antiga que eu tenho, que é a de um miúdo sentado num pátio de uma casa a pregar pregos direitos numa tábua, coisa que eu nunca mais fui capaz de fazer.»

O TÍTULO É LONGO como longa é a carreira de Manuel Alegre, político subversivo, militar, exilado, poeta pré-revolução e romancista. O livro chama-se *O Miúdo Que Pregava Pregos Numa Tábuia* e pode ser o último antes de uma nova faceta acrescentada à sua vida, se se concretizar o desejo de se sentar na cadeira presidencial em Belém. Não foi por capricho literário mas em consciência que Manuel Alegre pôs este título longo na capa vermelha de um livro com 111 páginas de revisitação quase biográfica à sua vida desde que nasceu, a 12 de Maio de 1936. Nega que seja uma biografia, responde na negativa quando se lhe pergunta se há um propósito nesta colecção de memórias e prefere explicar o livro como uma série de episódios que marcaram a sua vida e que deseja partilhar. Até porque foi assim que surgiram as frases que à mão foi escrevendo a partir do momento em que a inspiração o obrigou a avançar neste volume. Justifica-o de forma simples: «Este livro começa pela memória mais antiga que eu te-

tio de uma casa a pregar pregos direitos numa tábua, coisa que eu nunca mais fui capaz de fazer.» Depois, segue o caminho que a primeira frase do livro anuncia: «É difícil escrever um livro. Não se sabe por onde começar nem por onde seguir.»

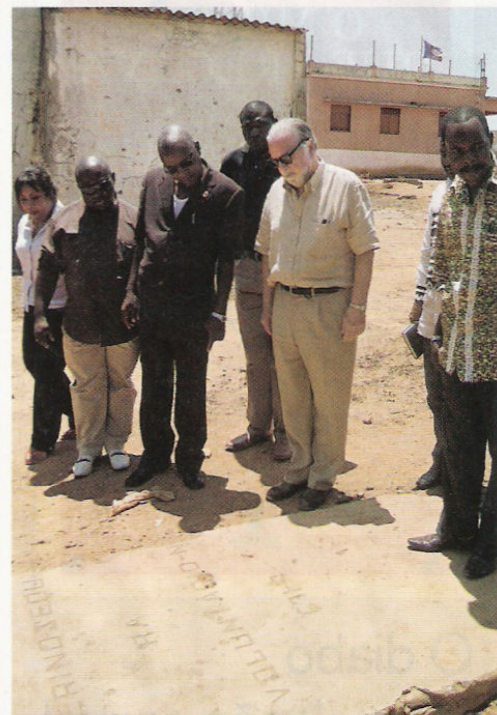
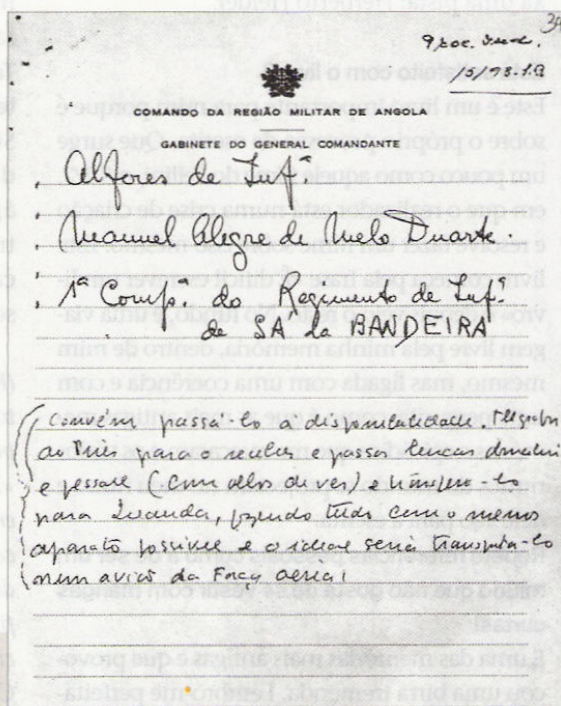
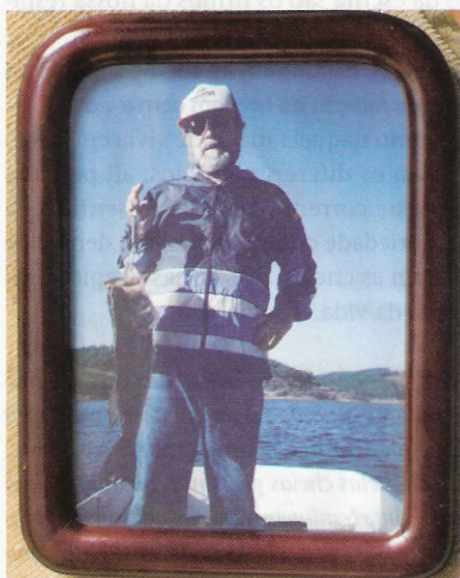
A sua vida tem sido assim, sem um objectivo fixado por antecipação mas pronto para responder aos desafios que a literatura e a luta política o fazem defrontar amiúde. O último é a candidatura à Presidência da República. Uma questão que não surge neste livro e que na conversa com Manuel Alegre foi evitada de forma bastante clara. Podem ter-se trocado umas opiniões sobre o tema, referido o apoio que 18 sindicalistas da CGTP lhe deram recentemente, a entrevista que Cavaco Silva concedeu há dias e outros pormenores de um combate que se avizinha cada vez mais perto de começar após ter anunciado a disponibilidade em Portimão, a 12 de Janeiro. Mas desta vez, diz, a política fica de fora das palavras trocadas porque este não é um livro político nem tem

a nível literário que Manuel Alegre aceita travar o combate no ringue da entrevista. Também por isso, nestes dias dedicados à promoção de *O Miúdo*, poucas declarações políticas se têm ouvido ao candidato.

Mas a política tem segredos que serão acasos, ou que o escritor introduziu sem os querer revelar, e o livro que a Dom Quixote lançou há poucas horas é o perfeito exemplo disso. Pega-se em *O Miúdo Que Pregava Pregos na Tábuia* e vê-se que graficamente é diferente do que tem sido a habitual harmonia das capas. Não há o tom nem a palavra azul, uma das obsessões do autor no decorrer de toda a obra. Agora, há uma cor encarnada a dominar a capa. Quatro pregos espetam esse vermelho sobre o branco em fundo e um corvo negro sobre o «o» final do *Miúdo* que foi e que ainda não o abandonou. Depois, abre-se o texto, vai-se lendo até ao capítulo final e contam-se as partes em que se divide este livro do candidato a presidente



No sentido dos ponteiros do relógio: com o cunhado, António Portugal, nome famoso do fado de Coimbra, a avó Margarida, a tia e a irmã, em 1958; em 1974, em Águeda, à chegada do exílio; em Nambuangongo, Angola, onde combateu no início da guerra colonial, comovido junto à campa de um soldado; o documento militar que prova que Manuel Alegre não desertou do exército; com um troféu de pesca.



«Eu não desertei»

ESTÁ-SE A FALAR da Guerra Colonial e Manuel Alegre interrompe para dizer: «Eu não sou desertor nem nunca o fui.» A sua expressão facial é dura e vê-se que é um assunto que o irrita: «Eu estive na guerra; estive em Mafra; estive nos Açores e estive em Angola. Sou até, dos candidatos às presidenciais, o único que entrou em combate. Depois, estive envolvido numa conspiração em Angola pela qual fui preso e passado à disponibilidade. Fui-me embora do país para não ser preso pela PIDE por razões políticas.»

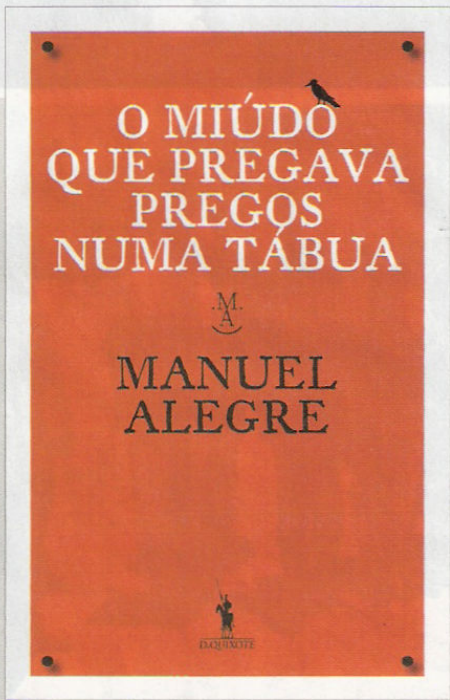
A dureza mantém-se no rosto enquanto vai mais longe: «Eu não tenho juízo moral nenhum sobre aqueles que desertaram até porque naquela altura muita gente da minha geração achava legítimo fa-

zê-lo. Mas eu não desertei e não quis desertar, quis viver a experiência da guerra e vivi em situação de combate no pior momento da guerra em Angola, que foi 1962/63, com as minas a rebentar em Nambuangongo e Quipedro, que era a capital da guerra. E não me arrependo dessa experiência, que é intensíssima, apesar de considerar que aquela guerra não tinha sentido político. Já tinha uma consciência anticolonial, mas estava lá. Há a fraternidade que se cria entre a gente do mesmo pelotão, da mesma companhia e que vive os mesmos riscos. E depois há essas situações que são situações-limite, em que — como eu disse num poema — o tempo cabe todo num minuto. A fronteira entre a vida e a morte é muito frágil.»

relacionar o livro com política, encontra-se nele um paralelismo que os devaneios da poesia e as coincidências da História permitem fazer ao lembrarmos-nos de que o presidente Mao Tsé-tung também publicou um livro assim de capa vermelha: um pequeno livro como este; com 33 capítulos como este e com alguns temas que há neste... Dirá o poeta e candidato que o seu *Miúdo* nada tem que ver com o *Livro Vermelho* de Mão, mas há coincidências do diabo!

Diz o presidente Mao que é necessário que os intelectuais se envolvam com o trabalho político; que os dirigentes sirvam o povo e que sem o terem no coração o seu trabalho é inútil; que a criatividade é visível na vontade indomável do povo ou que é fundamental que se dê atenção aos problemas contemporâneos, entre outras afirmações contidas nos 33 capítulos que escre-

O Miúdo de Manuel Alegre têm outro objectivo e a política passa por essas partes do livro poucas vezes, mas muitas das preocupações sociais que preocuparam os pensadores no século passado e formaram a Humanidade estão lá. O que o autor pretende é partilhar com os leitores essas memórias de uma vida que ocupa grande parte do século XX e que se pode resumir nesta frase na página 25: «Quarenta e seis anos depois, é essa a chiadeira que sinto dentro dos meus ouvidos, um zumbido que parecia cigar-



O diabo na iniciação sexual

O PRINCÍPIO da vida sexual já tinha sido afluído por Manuel Alegre no livro *Alma* mas é neste que é descrito com mais pormenores. O autor garante que não vê problemas em o relatar nem crê que perturbe o leitor: «Não sei se choca, acho que é uma coisa natural por que muita gente passou. Há outras coisas, em outros autores, que são bastante mais chocantes. Aqui, é uma coisa normal, quase inocente.» A situação é vulgar à época e acontece com a criada lá de casa. Até o diabo é invocado pelas suas manhas: «A criada está sentada no banco da cozinha, onde se guarda a lenha para o fogão. O miúdo olha as pernas abertas da criada...» Quem ler o livro saberá o resto da história, mas do que se vai passar o poeta garante que «também tem que ver com os ritmos e com as mãos, com o diabo e com a tentação».

ras no Verão e agora, por causa da escrita e do som metálico da bazuca, se transforma neste estrondo de guerra diante da página que é uma clareira no meio do mato entre Nambuanguongo e Quipedro.»

São algumas das lembranças de episódios de uma vida que encontramos entre as capas deste volume onde Manuel Alegre pregou milhares de letras nas 111 páginas – outro número que não acontecerá por acaso – de *O Miúdo* e que, para quem for dado a descobrimentos e descobertas, irá proporcionar outros mistérios na leitura deste volume. Que ficam para o leitor descobrir porque o autor não os desvenda, como é o caso da identidade do poeta, ainda jovem, que leu com o seu sotaque da ilha o poema de Camilo Pessanha *Ao longe os barcos de flores*, para o qual se deixa uma pista: Herberto Helder.

Está satisfeito com o livro?

Este é um livro importante para mim porque é sobre o próprio processo da escrita. Que surge um pouco como aquele filme do Fellini, o *8 1/2*, em que o realizador está numa crise de criação e resolve fazer um filme sobre isso mesmo. Este livro começa pela frase «É difícil escrever um livro» e depois veio o resto. No fundo, é uma viagem livre pela minha memória, dentro de mim mesmo, mas ligada com uma coerência e com uma pergunta: como é que as mais antigas memórias e episódios que me marcaram e os vários ritmos do mundo se projectam no meu ritmo e dele vão para a escrita.

Repete referências pessoais como a de ser um miúdo que não gosta de se vestir com mangas curtas!

É uma das memórias mais antigas e que provocou uma birra tremenda. Lembro-me perfeitamente de me sentir como se estivesse nu durante todo o dia, num passeio entre Aveiro, a Costa Nova e o Porto, que os adultos não foram capazes de compreender.

Há três situações que regressam repetidamente: a das mangas curtas, a de um carro de quatro rodas e os comprimidos do avô. Porquê?

São bordões, como uma sequência musical em que há uma nota que vem e que desencadeia as seguintes. Está-se sempre perante um miúdo que é armado ao pingarelho, que falhou um tiro ou engoliu os comprimidos. É a sequência musical que tem que ver com a música da escrita.

Sente-se realmente reflectido neste livro?

Eu poderia fazer um livro ou um ensaio sobre a arte de escrever ou a arte poética mas

optei pelo contrário do livresco. Do fazer a partir da vida, do violino do João, do marceneiro, do sapateiro, do tipo das motas, dos meus companheiros da caça ou do [jogador] Hernâni, que marcou aquele golo que nunca mais esqueci. De coisas que estão no fundo da minha memória e como a palavra puxa a palavra, a palavra puxa a memória e a memória puxa a palavra, ouvir as coisas que fizeram a pessoa que eu sou e que se projectaram também na minha toada e cadência de escrita. Mas como um ritmo é feito de muitos ritmos, também falo do vulcão onde estive quando fui à Nicarágua. Dos milhares de pássaros que por ali voavam enquanto o vulcão bufava com o ritmo da respiração da terra e, de certo modo, com o da minha própria respiração. Quem sabe se os grandes ritmos da escrita são os ritmos da nossa respiração ou da terra?

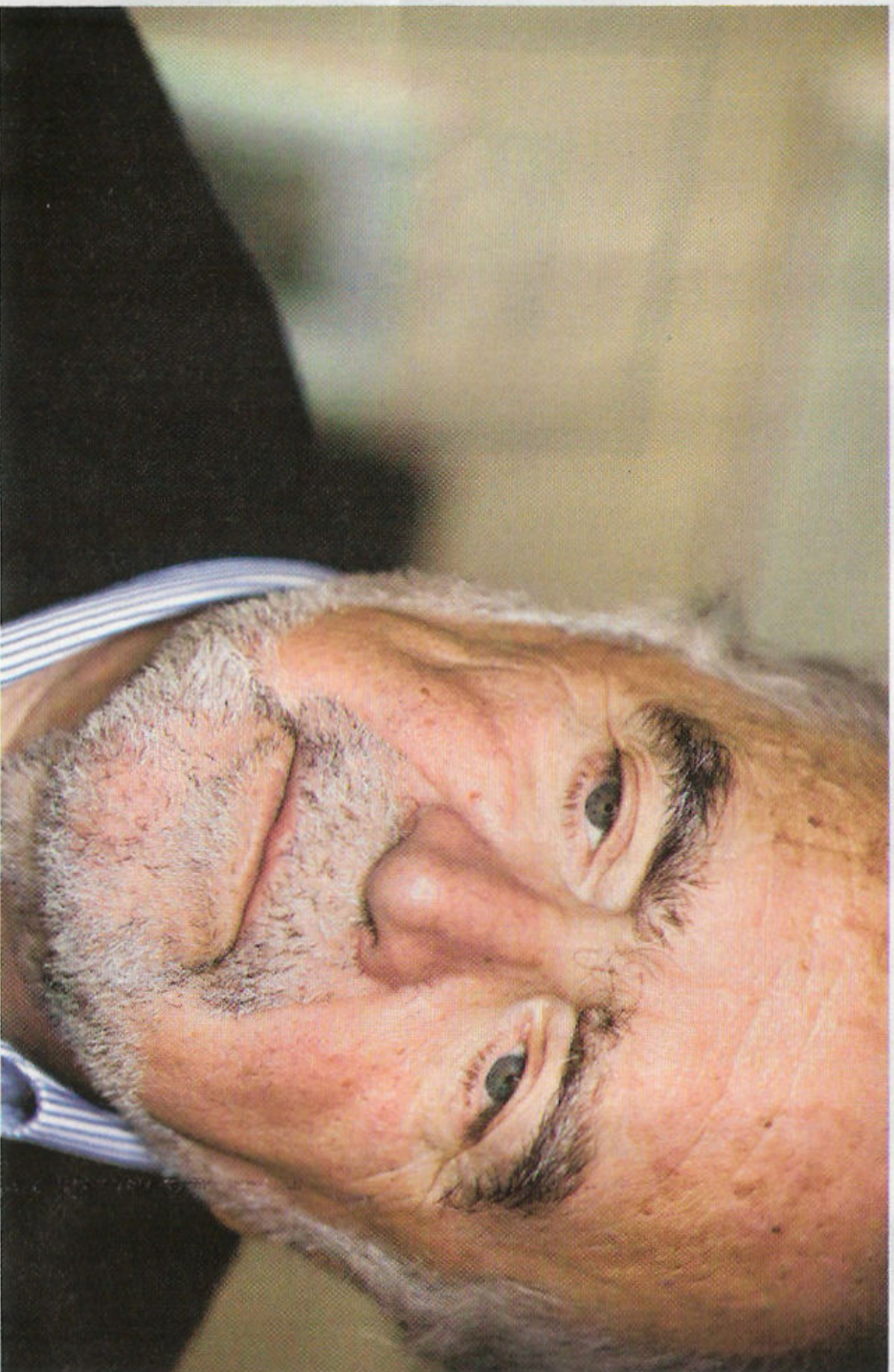
Também se encontram as coisas simples da terra e da relação do homem com a vida.

Sim, como naquela rua onde vivia em Águeda havia os diferentes ofícios, ali perto as águas que correm e nos dão o sentido da transitoriedade quando entravam dentro de casa com as cheias... As coisas simples e essenciais da vida.

(Recorda-se-lhe que essa beleza das cheias o irritou bastante quando há uns anos lhe entraram pela casa adentro! Faz uma cara séria e rebate: «Falo daquelas cheias pequenas, quando a água entrava vinte centímetros em casa e era uma brincadeira. Dessa vez, abalou mesmo a casa e podiam tê-la atirado abaixo por causa das obras que fizeram e que taparam as linhas de água e as construções que enchem o campo de cimento. Chegaram à altura dos dois metros dentro de casa e assim não tem piada.» Diga-se que a cara séria de Alegre alterna frequentes vezes com a expressão despreocupada das questões do dia-a-dia. Pode estar risonho na poesia da vida mas se fala de factos que impliquem posicionamento, o semblante físico muda imediatamente e a voz segue essa alteração.)

Com este livro o leitor entende o homem que existe por detrás da figura pública que é Manuel Alegre?

Não foi essa a preocupação. Aliás, nada foi programado porque a intenção era compreender o meu processo da escrita e o que o tinha marcado. Porque é que escrevo de uma certa maneira, porque é que há uma certa toada, uma certa estrutura rítmica nos meus versos e na



«O presidente Mao Tsé-tung também publicou um livro assim de capa vermelha: um pequeno livro como este; com 33 capítulos como este e com alguns temas que há neste...»

minha prosa? Depois, fui por aí fora, passando pelo meu pai e minha mãe que cantavam ao fado as histórias da vida, os rimancos populares que ouvia contados pelas criadas ou pelos cegos na rua, a toada do falar da gente da minha terra, da nora, das águas e dos muitos ritmos da vida: do marceneiro que aplainava a madeira e tinha uns canários que dizia que cantavam à Benfica, do homem da moto que travava e acelerava ou até do tipo do violino que existiu e não acertava uma nota tantas eram as dissonâncias...

Que, conta, dava uma fífia ao princípio e uma ao fim.

Sim, essas coisas que ainda estão muito presentes na memória e que o próprio acto de escrever e a própria narrativa foi buscar como uma espécie de arte poética da própria escrita ao contar essas múltiplas histórias que, realmente, são uma história. Foi por isso que quando me perguntaram se estava a escrever uma história eu respondi que sim, que estava a escrever a história de um miúdo que pregava pregos

numa tábua e que acabou a contar as sílabas dos ritmos do mundo. É como quando bato com os dedos na mesa a marcar um ritmo interior, que tanto pode ser uma espécie de amor que tenho cá dentro ou, às vezes, uma questão nervosa.

Não sendo um livro de poesia, há nele um verso livre.

Há uma prosódia que está perto da prosódia poética.

É mais um livro de prosa?

Creio que há muita gente que gosta da minha prosa. Vê-se...

Pelas vendas?

Também, vendem-se bem. O que se passa é que no tempo da ditadura os portugueses tinham necessidade de poemas e a poesia circulava muito e os meus livros de poesia também. Mas a minha prosa, por exemplo o *Alma* ou o *Cão como Nós*, de que saiu agora a vigésima edição, é um registo em que a fronteira entre prosa e poesia não é muito grande.

Sentiu o tal «coice da literatura» de que Miguel Torga falava?

Senti e estava a bater com força na cadência. Tanto que não organizei o livro mas foi ele que se fez de um modo aparentemente caótico.

(Ao falar de cadência musical e do «coice da literatura», o poeta não resiste a comentar o barulho da obra em curso na casa ao lado, que vai entrando pela parede comum onde, do outro lado, o pedreiro está há vários minutos a picar a parede como se fosse a batida de um metrônomo e numa cadência que enerva o morador do lado de cá. Talvez por essa razão tenha aberto hoje a janela de par em par? Ou será para sentir a chegada da Primavera que se pressente no jardim da praça em frente onde os miúdos brincam e remetem ao livro?)

Recorre a outras memórias frequentemente. O carro das quatro rodas, por exemplo.

Era um carro a pedais que havia naqueles tempos – até tenho uma fotografia sentado nele – e que eu adorava quando tinha três anos e meio. Lembro-me perfeitamente de estar num passeio, na Rua Duque da Terceira [no Porto], e de andar nele para a frente e para trás. Parecia mesmo um carro verdadeiro.

Mas também há outra imagem, a do espelho que alonga a figura e que mostra como é que vai ser no futuro o homem?

Esse espelho existe de facto no quarto onde nasci e é bom olhar-se nele porque aparecemos mais altos e mais magros! É uma imagem que recordo, que todas as pessoas

«As brincadeiras com os rapazes da rua ensinam também a igualdade, aprender a defender-me pelos meus próprios meios. Também me ensinou porque é que uns andavam descalços e outros tinham sapatos.»

devem ter tido um dia ao verem-se ao espelho, e que me fazia pensar como é que seria dali a vinte, trinta ou quarenta anos. O estranho é que olhamo-nos ao espelho e vemos um outro, coisa que me perturbou da primeira vez que aconteceu porque estava a ver-me e ficava com a impressão de que era quem estava no espelho que olhava para mim e a questionar se seremos sempre o mesmo miúdo ou se seremos os vários

outros. Como quem muda de pele sem mudar de alma.

Neste livro existem mais referências a mulheres do que a homens. As mulheres marcaram-no mais?

Mas há o pai, um iniciador e um fundador nas coisas que têm que ver com a História, com a literatura através da leitura do Camões, do António Nobre e doutros autores. Há a minha tia-avó... O que não houve, repito, foi a preocupação de fazer a minha história mas sim de encontrar episódios e memórias que se relacionam com o nascimento da poesia e da vontade, da necessidade e da inevitabilidade de escrever.

(Nos últimos livros, Manuel Alegre tem colocado no final o seu nome completo. A razão é uma homenagem ao pai que foi «marginalizado» do nome com que o filho foi sendo conhecido e que terá sofrido com a situação. Nota-se que a presença do pai vai surgindo cada vez mais na obra do autor.)

«A paixão aconteceu-me muito poucas vezes»

É SABIDO que os poetas inspiram paixões frequentes e que vivem ainda mais esses *flashes* inspiradores. Manuel Alegre confessa que muito da sua personalidade poderá ter que ver com o facto de ter nascido num dia em que a terra tremeu em Évora. Até diz que «há quem traga dentro de si o ritmo da terra a tremer. Mas também senti a terra a tremer algumas vezes perante um olhar de mulher, o seu cheiro, o seu corpo».

É impossível não lhe perguntar o que representam as paixões. «Acho que marcam toda a gente e aí de quem não as tem ou as não teve.» Confessa que as suas foram poucas e que isso faz parte do lado reservado da vida, de que não quer falar. Lá se consegue, após insistência, extrair-lhe um «verso» em vez do poema pretendido: «Foram poucas, mas aquelas que tive marcaram-me.» E para que não restem dúvidas, acrescenta: «Quem tem muitas paixões não tem paixões. As paixões são muito raras e acontecem muito poucas vezes na vida. Eu acho.»

Tenta saber-se um pouco mais. Como é que a paixão lhe aparece. Com um olhar? «Não... É de um olhar, é um todo. O olhar não se explica, é como a poesia, também não se explica.» E acrescenta um «qualquer coisa» enigmático. É como a poesia, sugere-se, que não se consegue explicar

também? «Não, não se explica. E acho que a paixão é uma coisa imediata quando acontece.» Tipo amor à primeira vista? «Acho que há qualquer coisa, uma energia encantatória recíproca. No fundo, também tem que ver com a escrita ou com a música.» A relação tem de ser musical e senti-la como uma toada? «A paixão tem grandes harmonias e grandes desarmonias, tem grandes estados de graça e grandes estados de sofrimento. Todas as paixões são assim. Tem muito que ver com algo de essencial da relação da pessoa com o todo, projectado na relação com outra pessoa.» E, após nova insistência, vem a revelação: «É como encontrar a outra metade de si mesmo. Acontece muito poucas vezes mas quando surge, é intensamente.»

Antes de fechar esta questão, busca-se a desculpa de que os poetas têm mais sensibilidade para o amor: «Quanto a isso não sei o que dizer porque não sei como os outros que são poetas sentem isso. Todas as pessoas têm estados de paixão, aí de quem não os tenha. Mas uma coisa são os encantamentos, os namoricos, até os desejos e as atracções, outra coisa é a paixão mesmo. Essa, eu acho que acontece muito poucas vezes. Pelo menos a mim aconteceu-me muito poucas vezes.»

Mas quando são referidas algumas mulheres as passagens são bem registadas. É uma homenagem ou uma inevitabilidade também?

Essa minha tia [Maria do Carmo Sampaio] é uma das figuras marcantes da minha vida. É da Barca Bela.

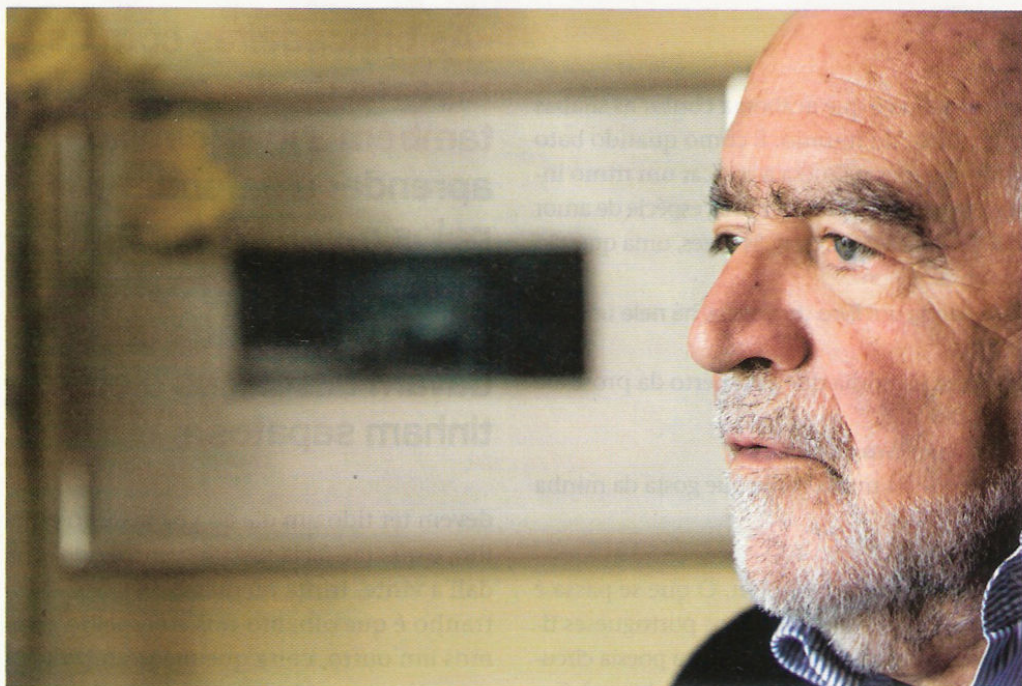
Mesmo a sua mãe surge como uma defensora do seu ouvido para a toada?

Aí acho que a presença e a influência do pai são mais evidentes porque é um iniciador, um homem que abre as portas e me dá essa toada. E por outras coisas que não conto aí mas que são as leituras do Alexandre Herculano e desses livros todos que a mão do meu pai guiou. A entrada na literatura é com o meu pai e essa minha tia.

(A tia era também uma espécie de confidente a quem Alegre confessava os problemas e os amores. Era, diz, uma mulher sábia e com uma inteligência excepcional: «Muito do que eu sou deve-se a esse convívio que tive com ela.» Da mãe ressalta a energia sempre presente na vida familiar: «Hoje, seria empresária ou líder política.»)

Também há a sua irmã e a crença de que vai continuar *Os Lusíadas*.

Foi algo que eu disse que iria fazer e ela levou a sério! É um acto de confiança em mim como foi também o do escultor Barata-Feyo que acreditava nessa minha decisão e que uma vez, em frente ao Lagoa Henriques e ao António Duarte, disse: «Aqui está o homem que está a continuar *Os Lusíadas*.» E ninguém se riu. Eram três artistas e levaram aquilo a sério. Afinal, à sua maneira,



cada poeta quer continuar *Os Lusíadas*.

O que tem vindo a fazer na obra poética?

É verdade que retoma aquela toada de Camões mas, naquela altura, o que eu queria mesmo era continuar *Os Lusíadas* porque achava que estava incompleto e era preciso seguir dali para a frente. No caso do escultor e dos dois amigos, nenhum me falou numa toada paternalista, pelo contrário levaram aquilo também a sério e falaram de igual para igual. E isso, parecendo que não, num miúdo e naquela altura, teve muita importância. Era um acto de confiança ao pensarem «porque é que este tipo não há-de continuar *Os Lusíadas*?» A minha irmã levou aquilo a sério, foi contar às amigas e a informação circulou.

O que não evitou que desse um tiro na boneca da sua irmã?

É verdade, isso foi a mão do diabo... Ficou muito aborrecida, foi um tiro na alma da minha irmã e ainda hoje falamos nisso. Estou certo que terá sido um dos grandes desgostos da minha irmã, mas aquilo era uma tentação porque eu tinha a espingarda de pressão de ar que o meu pai me tinha dado e não acertava nos pardais – a espingarda estaria desafinada porque eu até tenho pontaria –, até que um dia comecei a olhar para a boneca e não resisti. Seria para ver se a espingarda funcionava? Disparei e quase desfiz a boneca. São aquelas tentações e crueldades que os miúdos têm. Ai dos adultos que não fizeram coisas dessas, desses é que é de desconfiar porque as fazem depois quando são adultos. É como cortar o rabo às lagartixas, aqueles que não os cortaram quando eram pequenos depois cortam coisas às pessoas quando são grandes.

Pode depreender-se que fez em devido tempo tudo o que teria a fazer?

Fiz as coisas que são naturais na vida de uma pessoa que nasceu naquele tempo histórico, naquela vila que era quase uma aldeia – Águeda – e que andou com os garotos da rua não sendo um deles porque pertencia a uma família tradicional, como se diz agora. Foi muito importante porque o campo, a rua e o rio são lugares onde se aprende a liberdade. As brincadeiras com os rapazes da rua ensinam também a igualdade, aprender a defender-me pelos meus próprios meios, a jogar à bola tão bem ou melhor do que eles e ao pião. Também me ensinou, era uma época de grande estratificação de classes, porque é que uns andavam descalços e outros tinham sapatos. Mostrou-me a

A morte segundo os poetas

DE ENTRE OS POETAS chamados a este livro, há dois que se destacam: Sophia de Mello Breyner Andresen e Miguel Torga. Surgem, principalmente, no momento das suas mortes, após «uma relação muito marcante na minha vida, que também tem que ver com a escrita». A escolha desses momentos deve-se ao facto de «serem momentos definitivos em que as pessoas se vão e ficam» e, acrescenta, a própria experiência de quase morte que viveu há uns anos: «Um momento de revelação em que também não há batota.»

Refere que Torga mantém-se até ao fim com uma caneta e um papel por perto: «Fui vê-lo muitas vezes ao hospital e mesmo até ao fim tinha sempre o caderno e a caneta na mão, como quem tem uma arma. A arma é a caneta e o ringue de batalha é o caderno, é a página.»

De Sophia refere no livro parte do que conta agora: «Fui, talvez, a última pessoa ou uma das últimas pessoas que ela reconheceu. Quando cheguei ao pé dela, com a minha mulher, não me reconheceu imediatamente. A filha disse-me “fala”. E eu falei. E ela, pela voz, disse o meu nome e o da minha mulher, de quem era muito amiga. Depois pediram-me “diz uns versos”. Comecei a dizê-los e ela foi-me acompanhando. Mas, a certa altura, já não os conseguia articular e dizia só a toada, até que ficou só um ritmo, poesia em estado puro. Foi uma experiência perfeitamente mágica e inesquecível. Eu disse-lhe versos dela que completava; disse-lhe do Camões e coisas de que me fui lembrando. E assim ficámos, depois eu já não conseguia mais porque me comovi.»

«Eu aprendi a conter

**a comoção por
um conjunto de
circunstâncias da vida, até
pela exposição
pública que tenho, mas
em Nambuangongo não
fui capaz. Quando vi
o nome daquele soldado e
a data da morte na campã
não me contive.»**

desigualdade mas também a igualdade e, naquela altura, essa aprendizagem era muito importante. Fosse a de apanhar lagartos, de ir aos pássaros, ir à caça, ir tomar banho ao rio, tudo isso é uma aprendizagem de liberdade num sentido quase animal. E a partir daí isso faz parte fisicamente de uma pessoa.

Foi assim que aprendeu a esconder a comoção?

A comoção acontece e ainda agora quando estive em Nambuangongo aconteceu. Ali era difícil não acontecer! O que se passa é que eu aprendi a conter-me por um conjunto de circunstâncias da vida, até pela exposição pública que tenho, mas em Nambuangongo não fui capaz. Quando vi o nome daquele soldado e a data da morte na campã não me contive.

A guerra também está neste livro, num episódio fundamental da sua vida entre Nambuangongo e Quipedro.

Sim, é a primeira emboscada que sofro.

É um momento que não consegue esquecer?

São momentos de tudo ou nada que aparecem

la que assobia. Eu dei muitos tiros na vida, tiros de caça ou de treino na tropa onde fazíamos muito exercício de pontaria, mas o tiro que se ouve na guerra muda a vida porque é um tiro que percebemos que é para matar. É um tiro de morte o da bala que assobia, é um arrepio o assobio da morte e eu nunca mais me

tiros que vieram depois. No primeiro, fiquei em pé na picada, completamente paralisado e foi um soldado, por acaso angolano de cor, preto, que estava em cima do Unimog e se atirou para cima de mim. Rolámos os dois na picada porque eu fiquei paralisado. Não pelo terror mas porque percebi que era a guerra. Que não estávamos a brincar, nem em Matra a fazer exercício, era mesmo a guerra. E, portanto, aqueles tiros eram para matar. Os que atiravam sobre nós e os que nós íamos ter de atirar.

Era algo que acontecia aos que não estavam preparados?

Nós estávamos preparados tecnicamente, mas somos um país que esteve muito tempo sem guerra, até porque não entrámos na Segunda Guerra Mundial. Uma coisa é ouvir falar da guerra, isso acontecia-nos e tínhamos tido amigos que tinham morrido, e outra é ter essa experiência em concreto. Que é inesquecível.

Neste *Miúdo* só o lado político fica de fora. Foi intencional?

Toma uma var com a descoberta de mim mesmo

«Fiquei paralisado. Não pelo terror, mas porque percebi que era a guerra. Que não estávamos a brincar, nem em Mafra a fazer exercício, era mesmo a guerra. E, portanto, aqueles tiros eram para matar.»

do processo da escrita e da revelação do miúdo com o mundo. E com as grandes interrogações que hão-de vir, as que vêm para o fim da vida mas que já estavam no princípio: quem sou, de onde é que venho, o que é que estou aqui a fazer, qual é o sentido disto tudo?

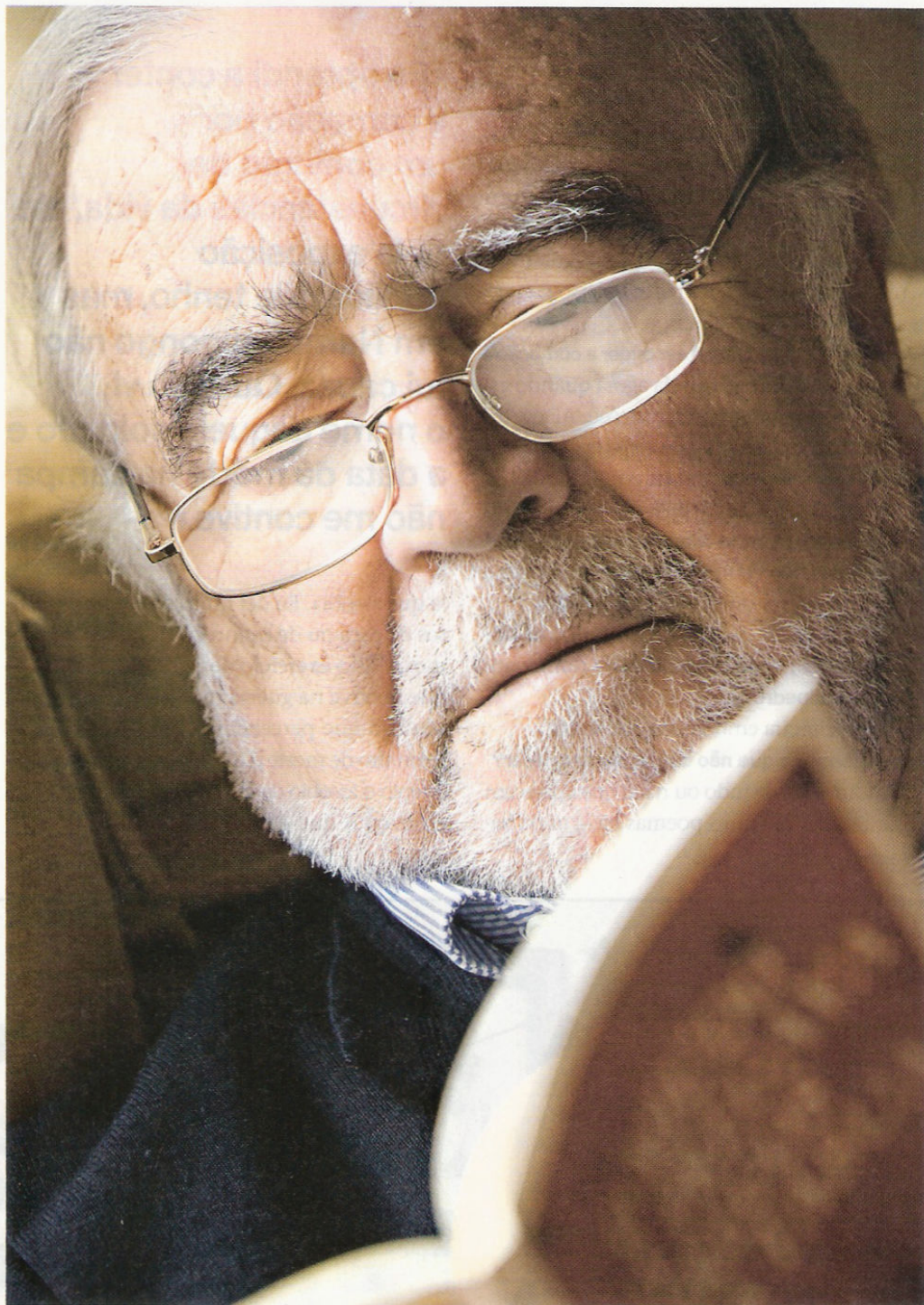
A única referência explícita à política é o relato do encontro com Cohn-Bendit.

Que é uma coisa extraordinária porque parece ficção e não de verdade. Passou-se exactamente assim e numa altura em que ninguém sabia quem era o Cohn-Bendit. Nem ele próprio sabia quem era! Aconteceu oito a dez dias antes dos acontecimentos do Maio de 68 em Paris – é a tal história do acaso de que fala o André Breton, se é que existem aqueles encontros do acaso. Por que carga de água é que naquele dia eu fui jantar àquele lugar? Estava sozinho, bem vestido na medida do possível com gravata e tudo, mas clandestino em Paris. Ele estava com uma rapariga, olhava para mim e repetia: «Jovem, quadro e dinâmico.» Insistiu naquilo até que eu me chatee e disse: «Exilado por política.» E ficou siderado com o que lhe disse. Depois tivemos uma conversa também surreal e não há ficção capaz de recriar aquela situação. Até porque oito dias antes do Maio de 68, Cohn-Bendit nada significava.

Nada. Ele mostrou-me uma publicação da Universidade de Nanterre, um boletim de estudantes que tinha a fotografia dele, e via-se que gostava de ser protagonista. Mostrou-me o seu retrato que nada significava naquele momento mas, uns 15 dias depois, era uma figura mundial.

Esse é o episódio político perceptível. Há o da página 37 em que, a propósito de um prémio literário, diz que «não há batota, ganha quem chega primeiro».

Mas isso é a respeito da natação! Aí não há batota, ganha quem chega primeiro. Nos prémios literários não quer dizer que haja batota, ou



que haja sempre batota. Às vezes há, pode haver dúvidas, mas numa corrida de atletismo ou num campeonato de natação, não há batota nenhuma: quem toca primeiro é que ganha.

Nem há batota nas eleições para Presidente da República?

Também não há batota.

Ganha quem tiver mais votos?

Ganha quem tiver mais votos. Pode haver batotas ou situações de combate desigual – eu já travei um combate muito desigual mas, enfim, não vale a pena agora falar disso – mas quanto ao resultado, também não há batota: ganha quem tem mais votos.

(De política nada mais por enquanto. Não faltará, no entanto, oportunidade nos próximos tempos

pois, após a sua viagem a Moçambique e a Angola e a semana dedicada à promoção deste livro, a pré-campanha para Belém recomeçará. O único desabafo de Manuel Alegre diz respeito à ausência de notícias sobre as iniciativas culturais que decorreram naqueles países de língua portuguesa, nas quais participou durante a entrega do Prémio Leya, e da única preocupação em se querer saber se falava com José Sócrates sobre o apoio do PS à sua candidatura. «Não andei na comitiva do Governo, preferia participar em sessões culturais como a que a União de Escritores fez em Chá de Caxinde ou visitar Nambuangongo, uma memória que interessa a milhares de portugueses que por lá passaram e que, após a cerimónia que aconteceu, estou certo de que irão cuidar mais das campas», remata num monólogo mais para si.) ■